

## ■ Uma análise comparativa do pronome acusativo no Português Brasileiro e no Espanhol

**ELAINE DOS SANTOS**

Mestranda em Língua do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas.

*Resumo:* Tendo em vista que o sistema pronominal das línguas românicas, em especial o Português Brasileiro e o Espanhol, ainda apresenta grandes lacunas dentro dos estudos linguísticos, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo comparativo, no que diz respeito ao preenchimento da posição de objeto entre as línguas supracitadas, com o intuito de analisar quais as possíveis convergências e divergências para tal preenchimento nas línguas em questão.

*Palavras chave:* Português Brasileiro; Espanhol; pronome clítico; sintaxe

**MARY HELLEN BATISTA DOS SANTOS**

Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas.

*Resumen:* Lievando en consideración que el sistema pronominal de las lenguas románicas, en especial el Portugués Brasileño y el Español, todavía presenta grandes huecos dentro de los estudios lingüísticos, el presente trabajo tiene como objetivo hacer un estudio comparativo, en lo que se refiere a la realización de la posición de objeto entre las lenguas dichas arriba con el intuito de analizar cuales las posibles convergencias y divergencias para tal realización en las lenguas en cuestión.

*Palabras clave:* Portugués Brasileño; Español; pronombre clítico; sintaxis



## **Introdução**

O sistema pronominal é algo que, por anos, vem sendo objeto de estudo da Linguística, e mesmo com tantos trabalhos desenvolvidos sobre esse tema este assunto ainda está longe de ser considerado esgotado na Academia. Diante de tantos trabalhos já realizados encontramos algumas lacunas a serem preenchidas, muitas delas no que diz respeito ao pronome clítico, sua caracterização e uso. Trabalhos comparativos entre línguas são temas corriqueiros nos estudos da linguagem, e quando essas Línguas são consideradas tão próximas, alguns fenômenos como, por exemplo, a utilização de determinados pronomes para preencher a posição de objeto demonstra que a “proximidade” entre elas não é tão simples.

Alguns estudos realizados já versam sobre o uso cada vez menos frequente do pronome clítico de terceira pessoa. Reche (1991, p. 03) afirma que “[...] na linguagem culta o objeto direto não deve aparecer vazio se sua interpretação for determinada”. Outros autores, como Kato (2001), afirmam que esse pronome não mais pertence ao quadro pronominal do Português Brasileiro. No entanto, em línguas como o Espanhol, o Português Europeu entre outras os pronomes clíticos são de uso obrigatório e fazem parte da fala do indivíduo desde o período de aquisição de linguagem.

O presente trabalho pretende apresentar estudos comparativos sobre o preenchimento da posição de objeto no PB e no Espanhol, demonstrando, através de exemplos, algumas diferenças na marcação dessa posição e enfatizando o uso ou desuso do pronome com função acusativa ou dativa. Além apresentar algumas inquietações salientes no que diz respeito ao tema em questão.

## **O sistema pronominal do Português Brasileiro**

Analisando o que diz a Gramática Tradicional, doravante GT, temos em Bechara (2004, p. 164) que as

formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, funcionam como sujeito e se dizem retas. *A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento*<sup>1</sup> e pode apresentar-se em forma átona ou tônica.

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		Átonos (sem prep.)	Tônicos (com prep.)
Singular	Eu	me	mim
	Tu	te	ti
	ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si
Plural	Nós	nos	nós
	Vós	vos	vós
	eles, elas	lhes, os, as, se	eles, elas, si

<sup>1</sup> Grifo nosso.

É possível observar que o paradigma adotado acima não condiz com a realidade linguística do PB. Pode-se dizer que alguns pronomes já caíram em desuso ou são utilizados em circunstâncias de extrema formalidade. Tal afirmativa não se detém apenas às formas nominativas, estende-se também às formas oblíquas e segundo Ramos (1999, p. 10), o paradigma pronominal das variedades do PB coloquial é:

FUNÇÃO			
PESSOA/NÚMERO	SUJ	OD	OI
1ª sing.	Eu	me	para mim, me
2ª sing.	Tu Você	telhe, você	para ti, te lhe, para você
	Você	você, te, lhe	para você, te, lhe
3ª sing.	ele/ela	o, ele/ela, lhe	para ele/ela
1ª plural	nós a gente	nos a gente	para nós, nos para a gente
2ª plural	Vocês	lhes, vocês	lhes, para vocês
3ª plural	eles/elas	os, eles/ elas, lhes	para eles/elas, lhes

Vemos que há algumas variedades do PB nas quais não se usam mais o tu e em outras zonas a forma lhe migrou da terceira para a segunda pessoa e “alargou seu domínio, passando seu uso a ser dativo quanto acusativo” (RAMOS, 1999, p. 10).

KATO (1994, p.112) discorre que

o PB sofreu uma ruptura em seu paradigma pronominal e flexional a partir da entrada do pronome “você”<sup>2</sup>, cuja origem “vossa mercê” é um NP, com função de forma de tratamento usada para com o ouvinte. A substituição de “tu” por “você”, na região sudeste do Brasil<sup>3</sup>, introduz o que Duarte (1993) chama de segunda pessoa indireta, por ela se associar à mesma flexão de terceira pessoa. Essa mudança provocou um rearranjo no paradigma pronominal e um efeito na morfologia flexional.

<sup>2</sup> Segundo Silva (1984), a forma “você” foi introduzida no século XVIII.

<sup>3</sup> Embora em regiões do sul e do norte conserve-se, ainda, o pronome “tu”, a flexão distintiva de segunda pessoa está sendo perdida.

### O sistema pronominal do Espanhol

Ramos também aponta em seu trabalho que o sistema pronominal espanhol não sofreu tantas alterações como o sistema pronominal do PB, o que aconteceu naquele foi um “alargamento do domínio de algumas formas, sem que este fenômeno implique o desuso de formas pronominais como vem acontecendo com o PB” (RAMOS, 1999, p. 260). Porém, vale salientar que nos dialetos americanos houve uma redução na segunda pessoa do plural (vosotros) que está restrito apenas à variante peninsular.

Segundo Hermoso et al (2006), o paradigma pronominal espanhol é apresentado da seguinte forma:

PESS/NÚMERO	PR. SUJETO	OD	OI
1ª sing	Yo	me	me
2ª sing	Tú	Te	te
3ª sing	él/ella/usted	lo/la	le
1ª plu	nosotros/as	nos	nos
2ª plu	vosotros/as	Os	os
3ª plu	ellos/ellas/ustedes	los/las	les

Como ocorre no PB, a realidade estática da GT espanhola deixa a desejar no que se refere ao uso real da língua. Vejamos o quadro que segue<sup>4</sup>:

FUNÇÃO			
PESSOA/ NÚMERO	CASO NOMINATIVO	CASO ACUSATIVO	CASO DATIVO
1ª sing	Yo	Me	me
2ª sing	tú vos	te te	te te
3ª sing	él/ ella/usted	lo, le	le, lo, se
1ª plu	nosotros/nosotras	Nos	nos
2ª plu	vosotros/vosotras ustedes	os los, les	os les, los, se
3ª plu	ellos/ellas/ustedes	los, les	les, los, las, se

<sup>4</sup> Quadro extraído de Ramos (1999).

<sup>5</sup> Uso do pronome vos no lugar de tú.

Analisando o quadro acima, observamos que há um acréscimo na segunda pessoa do singular, que é o pronome vos, oriundo do fenômeno que conhecemos como voseo<sup>5</sup>, tal fenômeno ocorre no espanhol americano, principalmente na região do Río de la Plata.

### O objeto no Português Brasileiro

O sistema pronominal do PB tem sido objeto de diversos estudos linguísticos no decorrer dos tempos. Definidos pela Gramática Tradicional (GT) como “classe de palavras que se referem a um significado léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto” (cf. BECHARA, 2004, p. 132) os pronomes apresentam um funcionamento muito diferente daquele prescrito pela GT, podendo representar um dos pontos de distanciamento da gramática normativa em relação à língua falada e escrita por grande parte dos brasileiros.

O paradigma pronominal do PB tem levantado inúmeros problemas para diversos módulos das Gramáticas como, por exemplo, os de concordância e caso. É possível, nas últimas décadas, contabilizarmos

algumas mudanças nesse sistema, tais com a extinção de alguns pronomes, tanto da modalidade oral quanto da modalidade escrita do PB, a exemplo do que aconteceu com o pronome vós. Ou ainda o nascimento de outros pronomes a partir da gramaticalização dos nomes como, por exemplo, a gente que aos poucos foi instituído em nosso sistema pronominal.

Outras formas, como o clítico o, não estão mais presentes na modalidade oral do PB uma vez que os falantes dessa língua optam pelo objeto nulo, mas as gramáticas ensinadas nas escolas brasileiras fazem com que esse pronome se mantenha ao menos na modalidade escrita da língua. O pronome clítico o tem sua origem no pronome demonstrativo acusativo do latim *illum* > *illu* > *elo* > *lo* > *o* e representa o objeto direto anafórico de terceira pessoa. A gramática Tradicional registra algumas outras maneiras de realização do acusativo anafórico de terceira pessoa, como o emprego do pronome *ele(a)* ou precedido da preposição *a* ou precedido por *todo* ou *só*.

- (1) Vi a ele e não a ela.
- (2) Quando entrei na sala estavam Maria, Paulo e Marcelo. Cumprimentei todos eles.
- (3) Em meio a tanto barulho gostaria de ouvir só ela.

As GTs prescrevem também o pronome na forma acusativa deve figurar quando este for sujeito de orações infinitivas que complementam verbos causativos (mandar, deixar, fazer) e sensitivos (ver, ouvir, sentir).

- (4) Os meninos saíram tão apressadamente, que ninguém os viu.
- (5) Os meninos foram os primeiros a terminar o exercício, por isso o professor mandou-os sair mais cedo.

Alguns gramáticos como (BECHARA, 2004, p. 257) são contra a combinação dos pronomes átonos *se* +

o apresentado como uma alternativa para o apagamento do clítico acusativo ou a substituição do pronome o (e flexões) pelo pronome ele (e flexões).

Já no que se refere à língua falada, ao elaboramos sentenças de maneira espontânea, é comum produzirmos frases utilizando um pronome nominativo no lugar de um acusativo ou optando pelo não preenchimento da posição de objeto sem que isso acarrete em prejuízos para a compreensão da mensagem. Conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

- (6) a. Ana foi procurar Paulo, mas não o viu.  
b. Ana foi procurar Paulo, mas não viu ele.  
c. Ana foi procurar Paulo, mas não Ø viu.

No que concerne aos estudos comparativos de gramática Huang (1984) representa um marco no campo da Gerativa, uma vez que até aquele momento o centro das discussões sobre pronomes era o parâmetro pro-drop. Foi a partir de trabalhos realizados por ele que o Objeto Nulo (ON) passou a ser um fenômeno freqüente nas discussões acadêmicas. No grupo das línguas românicas o PB é a única língua que admite o ON. Segundo Galves (2001) a possibilidade de não preencher a posição de objeto está diretamente relacionada às propriedades da sentença. A autora apresenta duas diferenças para a ocorrência do ON no PE e no PB:

- Frequência: no PE o objeto nulo e marginal e no PB é algo muito frequente.
- E a diferença no preenchimento dessa posição por um pronome: no PE a posição de objeto é sempre preenchida por um clítico e no PB ela pode ser preenchida por um pronome tônico sem que a frase se torne agramatical

## O objeto no Espanhol

No que diz respeito ao Espanhol, o uso dos pronomes clíticos é muito mais abundante que no PB. Pode-se perceber o uso frequente em todos os dialetos do espanhol independentemente da variedade a ser abordada, principalmente na modalidade oral da língua. Morosov (2000, p. 37) afirma que a presença dos clíticos é importante na “expressão oral do falante espanhol, onde seu uso é valorizado na intenção de reforçar a construção desejada”.

Já em relação à ocorrência do ON no Espanhol, podemos considerar que é muito menos frequente do que no PB, uma vez que é necessário que se respeite algumas restrições referentes ao verbo. Campos (1986 apud CYRINO, 1997, p. 36) “assume a análise de Raposo para esses objetos nulos do espanhol, mostrando que o elemento vazio na posição de objeto também seria o vestígio de um operador movido por obedecer restrições de ilha”. Sendo assim, para que haja um ON não pode haver a referência a um DP [+ definido].

- (7) a. Compré un coche  
b. Lo compré  
c. \*Compré
- (8) a. ¿Compraste revistas?  
b. \*Sí, las compré  
c. Sí, compré.

Em (7b) a sentença é considerada gramatical porque o elemento ao qual o objeto faz referência é [+ definido], o que não podemos dizer de (7c), uma vez que o ON não é aceito nessas circunstâncias. Já em (8a) temos uma sentença em que há um DP [- definido], o que propicia a aparição do ON, sendo gramatical a sentença (8c).

Desta maneira, pode-se concluir que em espanhol ocorre somente o objeto nulo indefinido (cf. CAMPOS, 1986), porém Cyrino (1997, p. 46) aponta que:

O espanhol basco (LANDA, 1991) permite objetos nulos com referência específica, ao contrário do espanhol. Porém, somente objetos nulos que se referem à terceira pessoa ([+/- animado]) podem ser omitidos, sendo impossível uma referência a outras pessoas gramaticais. Da mesma forma, em um outro dialeto do espanhol, o quitenho, objetos nulos definidos são permitidos (SUÑER & YÉPEZ, 1988) quando na sentença há também um objeto indireto. O conteúdo desse objeto nulo é sempre recuperado do discurso anterior ou contexto pragmático, e também se restringe à terceira pessoa.

O uso do ON nas variedades acima também se deve segundo Fernández-Ordoñez (1993 apud RAMOS, 1999, p. 20) ao contato do espanhol com outras línguas que não têm origem indo-européia, em região de bilinguismo, porque línguas oriundas de um tronco linguístico que não seja o citado não expressam noção de gênero. Sendo o caso do contato do espanhol com línguas indígenas, como as presentes no Equador, e com o basco, na Europa.

### **O redobro do pronome**

No que concerne ao redobro do pronome no PB é possível encontrarmos alguns dados, como os do dialeto mineiro, por exemplo, em que a possibilidade de redobro do pronome existe. Conforme veremos nos exemplos abaixo:

- (8) a. João me viu eu.  
b. Eu te vi você.

Já no Espanhol, o uso do redobro dos pronomes é muito mais frequente e usual, haja vista que a duplicação possui uso irrestrito em todos os dialetos do espanhol.

- (9) a. Eso es lo que me gusta a mí.  
b. Le entregaron el libro a ella.

Galves (2001) propõe que o uso do pronome tônico *ele* na posição de objeto não corresponde a uma simples substituição do clítico, mas a uma reorganização da expressão das relações referenciais pela língua.

Segundo Groppi (2000), no Espanhol, o clítico é obrigatório quando o pronome co-referente está representado por um pronome, mas não quando está representado por um SN. Os clíticos pronominais possuem determinadas deficiências prosódicas e ocupam lugar especial na sentença, ou seja, são “partículas desprovidas de acento que requerem um hospedeiro que os receba, assim como acontece com os afixos flexionais” (BRITO, s/ ano). Os pronomes podem ser divididos de três maneiras distintas: fortes, fracos e clíticos.

Os pronomes fracos e fortes ocupam posições de XP, enquanto que os clíticos ocupam posições X<sup>0</sup>. Os elementos fracos e clíticos são deficientes, por isso, são restringidos com relação a sua distribuição, isto é, nenhum deles é coordenável, enquanto os pronomes fortes são. Pode-se explicar esta deficiência estrutural como a ausência de um conjunto de núcleos funcionais, os quais contêm traços  $\varphi$  e traços referenciais. (CARDINALETTI & STARKE, 1999 apud BRITO S/ANO)

Dentro do quadro teórico gerativista ainda há controvérsias no que se diz respeito aos clíticos, podemos citar, por exemplo, alguns trabalhos de Uriagereka (1995), Camacho (2004) e Kayne (1991) que possuem visões distintas sobre os clíticos categoriais.

## Considerações finais

Levando em consideração o Espanhol e o Português Brasileiro (PB) como línguas que possuem características estruturais, semânticas e lexicais semelhantes, o estudo comparativo de seus constituintes sintáticos torna-se pertinente uma vez que a proximidade linguística por vezes traz nuances de caráter relevante para um estudo comparativo.

SEBOLD (2009, p.2) afirma:

no que diz respeito às diferenças entre o PB e o Espanhol, o fenômeno de apagamento de objeto em Espanhol aparece em contextos restritos, predominando a cliticização. Já as pesquisas feitas sobre o português brasileiro apontam nele uma assimetria no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto, bem como uma correlação entre esses dois fenômenos. Enquanto o argumento sujeito tende cada vez mais a ser preenchido por um pronome lexical, o objeto direto tende a ser cada vez mais representado por uma categoria vazia.

No que concerne aos estudos comparativos de gramática Huang (1984 apud KATO 2002 p. 330) representa um marco no campo da Gerativa, uma vez que até aquele momento o centro das discussões sobre pronomes era o parâmetro pro-drop. Foi a partir de trabalhos realizados por ele que o Objeto Nulo (ON) passou a ser um fenômeno frequente na discussões acadêmicas. No grupo das línguas românicas o PB é a única língua que admite o ON. Segundo Galves a possibilidade de não preencher a posição de objeto está diretamente relacionada às propriedades da sentença.

Sendo assim, a análise comparativa entre as duas línguas românicas aqui apresentadas demonstra os pontos divergentes e convergentes em ambas no que tange à utilização dos pronomes clíticos. Os dois sistemas pronominais mostram que grandes lacunas ainda precisam ser resolvidas e explicadas, principalmente no PB, uma vez que seu sistema pronominal mostra-se cada vez mais instável.

## Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRITO, Juvanete Ferreira Alves. O estatuto categorial dos clíticos pronominais nas línguas românicas. S/A. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1422.pdf>> Acesso em: 20 de fev. 2011.

CAMACHO, M. VICTORIA. Carcterización sintáctica y fonológica de los clíticos pronominales románicos y eslavos. In: Actas del V Congreso de Lingüística General, Leon, 2004.

CORREA, Vilma Reche. O objeto direto nulo no Português do Brasil. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 1991.

CYRINO, Sonia. M. L. O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. UNICAMP. Tese de doutorado. 1994.

GALVES, Charlotte. A sintaxe pronominal do Português Brasileiro e a tipologia dos pronomes In: *Ensaios sobre as gramáticas do Português* / Charlotte M. C. Galves – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. Ensaios sobre as gramáticas do português. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GROPPI, Mirta. Ainda os clíticos: argumentos e adjuntos. In: Anais da Abralín, 2000.

HERMOSO, A. et al. *Gramática de español lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 2006.

KATO, Mary. *A concepção da escrita pela criança*. São Paulo: Pontes, 1994.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. M.A. Marques, E. Koller, J Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciência da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005: 131-245

KATO, Mary. *Nomes e pronomes na aquisição. Letras de Hoje*, 36,3 Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 101 -112.

KATO, Mary. A evolução da noção de parâmetro. DELTA 18:2, 2002 (309-337)

KATO, Mary. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. MORAES, J e L Grimm-Cabral (orgs) (1999) *Investigações a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher. 201-205, 1999.

KATO, Mary. *No mundo da escrita*. São Paulo: editora Ática, 1986.

KAYNE, Richard S. Romance clitics, verb movement and PRO. In: *Linguistic Inquiry*. V. 22:4, p. 647-686, 1991.

MOROSOV, Ivete. Revisitando os pronomes clíticos no espanhol. Curitiba, 2000, 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Paraná.

RAMOS, C. M. A. O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular. Alagoas, 1999, 109f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas.

SEBOLD, M. M. R. Q. Distribuição de clíticos no Espanhol e no PB e a repercussão no ensino de Espanhol L2. In: *Anais da ABH*, 2009. Unicamp, 2001. p.125-179.

URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. In: *Linguistic Inquiry*. V. 26:1, p. 79-123, 1995.